

MAIS HISTÓRIAS DE ‘BRINCAÇÃO’: OUTRAS EXPLORAÇÕES DE BRINCARES NA LITERATURA BRASILEIRA¹

Tarcísio Mauro Vago²

Resumo: Este artigo discute a presença profícua do brincar, da infância e de seus brincantes em algumas estórias da literatura brasileira, que aponta representações do ser criança e das distintas nuances que a compõem em tempos históricos diversos. Os textos *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego, e *Trilhos e Quintas* de Carmen Lúcia Oliveira, fazem parte do recorte ora analisado em busca dos registros de brinquedos e de brincadeiras indiciários das aprendizagens das relações sociais modelares da sociedade brasileira, tanto em termos de manutenção de um status quo que submete aqueles que historicamente são fragilizados (negros, mulheres, pobres) nas relações de força instituídas, quanto em termos de resistência a essas mesmas relações sociais e, assim, de sua reinvenção. O ponto central das análises aqui empreendidas é, portanto, a tentativa de captar ‘outros’ lugares — como o brincar — que, na história da educação, também produzem a criança e sua infância, sobretudo por se tratarem de lugares de apropriação e reelaboração do mundo a partir de um olhar diferente daquele que é escolarizado.

Palavras-chave: Brincação; Infância; Literatura; Educação Física.

MÁS HISTORIAS DE “JUEGO- EDUCACIÓN”: OTRAS INVESTIGACIONES SOBRE EL JUEGO EN LA LITERATURA BRASILEÑA

Resumen: En este trabajo se analiza la importancia de la presencia del juego, la infancia y los juguistas en algunas historias de la literatura brasileña, que representan los diferentes matices de la niñez en los distintos tiempos históricos. Los textos “El niño del molino”, de José Lins do Rego, y “Carriles y granjas” de Carmen Lúcia Oliveir, forman parte de las fuentes analizadas en la búsqueda de registros de juguetes y juegos presentes en el aprendizaje de las relaciones sociales modelares en la sociedad brasileña, tanto en términos de dominación por parte de un sector de la sociedad sobre otros considerados históricamente más débiles (los negros, las mujeres, los pobres) en relaciones de fuerzas establecidas, como en términos de resistencia a estas mismas relaciones sociales y por lo tanto, su reinvención. En consecuencia, el punto central del análisis realizado, es un intento de capturar “otros” lugares – como el juego – que, en la historia de la educación, también integran la formación del niño y su infancia, fundamentalmente, porque se trata de lugares de aprehensión y reinvención del mundo desde una mirada diferente al papel de la escuela en dicha etapa.

Palabras clave: Juego- Educación, Niñez, Literatura, Educación Física.

¹ Este artigo foi originalmente publicado em meu livro “Educação Física na Escola: para enriquecer a experiência da Infância e da Juventude” (Mazza Edições: Belo Horizonte, MG, 2012, p. 37-56). Escrito a partir de trabalho apresentado no Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado em Aracaju, Sergipe, em novembro de 2008, promovido pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Um primeiro artigo a respeito foi publicado pela *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 3, n. 2, 2009, p. 171-185.

² Professor da Escola de Educação Física da UFMG. Doutor em História da Educação. EMAIL: tmvago@gmail.com.

**FURTHER STORIES OF 'PLAYING':
OTHER EXPLORATIONS OF PLAYING IN BRAZILIAN LITERATURE**

Abstract: This article discusses the recurrent presence of playing, of childhood and its playing agents in some stories from Brazilian Literature, that point out representations of the child and of the distinctive nuances that compose him/her in diverse historical periods. The texts *Menino de Engenho*, by José Lins do Rego, and *Trilhos e Quintas* by Carmen Lúcia Oliveira, are part of the selection analyzed in search for records of toys and playing games indicators of the learning of modeling social relations in Brazilian society, both in terms of the support of a status quo that subject those individuals who are historically undermined (afro-descendants, women, poor people) in institutionalized power relations, both in terms of resistance to these same social relations and, thus, of their reinvention. The central point of the performed analyses is, thus, the attempt to capture 'other' areas – as the playing activity – that, in the history of education, also create the child and his/her childhood, mainly because they are areas of appropriation and re-elaboration of the world from a different perspective of the one who is educated.

Keywords: playing; childhood; literature; physical education.

Continuando a me inspirar no que o poeta Manoel de Barros chamou de “raízes crianceiras”³, apresento mais histórias de ‘brincação’ trazendo experiências de infâncias no Brasil a partir de registros de brinquedos, de brincadeiras e de brincantes procurados na literatura brasileira, procurando por vestígios dos muitos brincares humanos. Desta vez, destacam-se dois outros autores, ambos trazendo nas suas obras aqui tratadas sinais de infâncias vividas na primeira metade do século XX: José Lins do Rego e o seu *Menino de Engenho* (seu livro de estréia, publicado em 1932)⁴; e Carmen Lúcia Oliveira, e seu *Trilhos e Quintas* (1998), mostrando a meninada de uma cidade imaginada, Cupim, uma metáfora do interior mineiro. De lugares diferentes, mas tão brasileiros, no Nordeste e nas Minas, histórias de infâncias em sua brincação⁵. Pensar estas infâncias é uma maneira também de pensar suas histórias e as histórias de educação, de escolarização, evidenciando contrastes, desestabilizando representações sobre o lugar da escola na produção da infância.

Os brinquedos e as brincadeiras são maneiras outras de apreensão e de reinvenção do mundo por crianças — fruindo a ‘natureza’ à sua disposição, os animais, os pássaros, as árvores, os rios, fazendo a peteca, as bonecas, o estilingue, a malha, ou cantando cantigas tantas. Relembrações de crianças brincando com quase nada, com quase tudo. A literatura aparece então como uma rica fonte aberta para explorar e escrever essas muitas experiências, aproximando, expandindo e potencializando as fronteiras da história da educação, com o seu enlaçamento com histórias de infância e de suas maneiras de brincar, em diferentes lugares e tempos⁶.

Não se vai aqui apresentar um inventário de brinquedos ou de brincadeiras. Da mesma forma, não se quer retirá-las das circunstâncias em que aparecem nas obras — pois que aí está uma condição para compreendê-las, e compreender também as infâncias nelas envolvidas. Os vestígios de brincação que aparecem nas obras literárias estudadas (e em outros artefatos culturais que se vai pesquisar) são aqui pensados em sua presença na história dos protagonistas — as brincadeiras dizem de sua presença nos lugares que habitam, dizem também desses lugares, e é preciso ter isso sempre em vista. É então que se poderá apreendê-

³ A expressão “raízes crianceiras” está na poesia de Manoel de Barros, “*Memórias inventadas: a Infância*” (2003).

⁴ Outras obras de José Lins do Rego interessantes para a exploração de brincadeiras são *Doidinho* (1933), *O Moleque Ricardo* (1935) e *Meus Verdes Anos* (1956).

⁵ A expressão “brincação” é uma invenção de Guimarães Rosa, e aparece na novela *Uma Estória de Amor (Festa de Manuzão)*, que compõe, com *Miguelim (Campo Geral)*, a obra *Corpo de Baile*, publicada em 1956.

⁶ No Brasil, destaco os trabalhos de Eliane Marta Teixeira Lopes, Maria Cristina Soares de Gouvêa e Dislane Zerbini Moraes, que contribuem para pensar a articulação história da educação e literatura. Também encontro inspiração no trabalho de João Amado, Professor da Universidade de Coimbra, sobre os brinquedos das “crianças dos pés descalços”. Ele pesquisa a literatura portuguesa, encontrando registros de brinquedos populares nas obras do escritor Aquilino Ribeiro (Cf. AMADO, João, 2002; 2004).

las e apreciá-las como experiências humanas, como linguagem, uma maneira de habitar um universo de referências culturais: penso que é nesta condição que podem potencializar reflexões sobre histórias tantas: de pessoas, de lugares, de sua existência em tempos diversos, e então ampliar fronteiras de histórias da educação.

1. Em tempos de escravidão, brincadeira como metáfora

Gilberto Freyre, em seu clássico *Casa-Grande & Senzala*,⁷ apresenta inúmeros registros em que crianças filhas de negros escravizados são como que o próprio brinquedo do *sinhozinho*, assumindo aí o lugar de *leva-pancada*, simulacro de relações escravocratas:

Suas funções foram as de prestadio mané-gostoso, manejados à vontade por nhonhô; apertado, maltratado e judiado como se fosse todo de pó de serra por dentro; de pó de serra e de pano como os Judas de Sábado de Aleluia, e não de carne como os meninos brancos.⁸

Nas infâncias bem distintas daquelas crianças, brancas e negras, as brincadeiras não pareciam apenas 'fazer-de-conta' ao reproduzir práticas de escravidão. Em muitas, a criança negra era meio de transporte na brincadeira do menino branco. É Freyre quem registra:

[...] o melhor brinquedo dos meninos de engenho de outrora: montar a cavalo em carneiros; mas na falta de carneiros: moleques. Nas brincadeiras, muitas vezes brutas, dos filhos de senhores de engenho, os moleques serviam para tudo: eram bois de carro, eram cavalos de montaria, eram bestas de almajarras, eram burros de liteiras e cargas as mais pesadas. Mas, principalmente, cavalos de carro.⁹

Outros tantos brinquedos e brincadeiras aparecem na obra de Freyre. O pião, o papagaio, o belisco, e eles não escapam aos traços de violência que sustentavam aquela sociedade: "Mesmo no jogo de pião e no brinquedo de empinar papagaio achou jeito de exprimir-se o sadismo dos meninos das casas-grandes e dos sobrados do tempo da escravidão, através das práticas, de uma aguda crueldade infantil."¹⁰

Matar passarinhos era um divertimento dos meninos da época do engenho. Gilberto Freyre comenta:

⁷ Tizuko Kishimoto já havia indiciado a presença de brincadeiras, brinquedos e jogos nesta obra de Gilberto Freyre, e sua pesquisa foi importante referência para este trabalho. (Cf. KISHIMOTO, 1993).

⁸ Cf. FREYRE, 1963, p. 378 (também citado por KISHIMOTO, 1993).

⁹ Cf. FREYRE, 1963, p. 47 (também citado por KISHIMOTO, 1993).

¹⁰ Cf. FREYRE, 1963, p. 408 (também citado por KISHIMOTO, 1993).

Ali o menino é um perseguidor cruel das inocentes avezinhas, espionando-lhes os ninhos e não podendo com a clavina, já tem gabos de insigne escupeteiro. Desd'os tenros anos avesam-se as crenças de ao sangue, à matança e à crueldade; porque tomar por divertimento o tirar a vida de animaizinhos que não ofendem, antes nos regozijam, e concorrem para louvar as obras do Criador, é em meu humilde entender formar para a barbaridade e a crueza.¹¹

Entre a sinhazinha e a menina negra, também a presença de representações da vida no engenho, como comenta Kishimoto:

a senhora mandando nas criadas, as bonecas fazendo o papel de filhas, as meninas negras como servas que obedecem às ordens da pequena sinhá. Assim, alimentação, vestuário, festas, doenças, tratamentos médicos, viagens, visitas a outros engenhos, tudo servia de temática para o jogo simbólico das meninas brancas, que representavam, sempre, a família branca dominando tudo. Jamais a escravinha representava o papel de dona-de-casa, tendo o poder em suas mãos. Eram sempre criadas, serviçais, rezadeiras.¹²

A autora buscou a síntese de Câmara Cascudo:¹³ vivem “por antecipação o papel servil”, refletindo a dominação do branco sobre o negro. Aí, brincar é metáfora da dominação: nas histórias de brincar, histórias de Brasil.

Outras brincadeiras realçam a relação com as circunstâncias históricas da época, metaforizando o conflito branco-negro: *Capitão-do-Mato*, *Amarra-Negra*, *Nego Fugido* e *Agostinho*, indicadas por Kishimoto.¹⁴

Os estudos empreendidos por Gilberto Freyre o levam a manifestar, em 1921, este desejo:

escrever uma história do menino — da sua vida, dos seus brinquedos, dos seus vícios — brasileiro, desde os tempos coloniais até hoje. Já comecei a tomar notas na biblioteca de Oliveira Lima sobre meninos de engenho e meninos do interior, da cidade. Os órfãos, nos cronistas coloniais, nos viajantes, nas cartas dos jesuítas, nos colégios dos jesuítas. Os alunos dos padres. Os meninos mestiços. De crias das casas grandes. De afilhados de senhores de engenhos, de vigários, de homens ricos, educados como se fossem filhos por esses senhores. É um grande assunto. E creio que só uma história desse tipo — história sociológica, psicológica, antropológica e não cronológica — será possível chegar-se a uma ideia da personalidade do brasileiro. É o menino que revela o homem¹⁵.

¹¹ Cf. FREYRE, 1963, p. 411 citado por KISHIMOTO, 1993.

¹² Cf. KISHIMOTO, 1993.

¹³ Cf. Câmara CASCUDO, *Supertições e costumes: pesquisas e notas de Etnologia brasileira*. Rio de Janeiro: Antunes, 1958, p. 56, citado por KISHIMOTO, 1993.

¹⁴ Cf. KISHIMOTO, 1993.

¹⁵ Citado por Mary DEL PRIORI, 1999, p. 12.

Um empreendimento que continua se fazendo necessário.

2. Uma infância no engenho: estripulias de Carlinhos

É aqui então que encontramos a obra de um amigo de Gilberto Freire, José Lins do Rego, e o seu *Menino de Engenho*, romance de estréia, em 1932¹⁶.

Visitando também essa obra de José Lins do Rego, encontrei suas revivescências de infância, em meio a plantações de cana, de engenhos, de rios, açudes e represas, com o menino Carlinhos, órfão de mãe aos quatro anos, que vai morar na fazenda de seu avô. Ao chegar ao Santa Rosa, tantas possibilidades se apresentam à criança triste. Encontra os 'moleques', negros, e com eles as brincadeiras no pomar do engenho:

Os moleques estavam me esperando, mas não se aproximavam de mim. Desconfiados, eles olhavam para o meu pijama, para os meus alamares, encantados, talvez, com a minha roupa. Porém aos poucos foram se chegando, que pela tarde já estavam de intimidade. E fomos à horta para tirar goiabas e jambos. O que chamavam de horta era um grande pomar. Muito de minha infância eu iria viver por ali, por debaixo daquelas laranjeiras e jaqueiras gordonas¹⁷.

Sim, tristeza e melancolia em uma infância. Mas, nem por isso, sem vida:

Era um menino triste. Gostava de saltar com os meus primos e fazer tudo o que eles faziam. Metia-me com os moleques por toda a parte. Mas, no fundo, era um menino triste. Às vezes dava pra pensar comigo mesmo, e sozinho andava por debaixo das árvores da horta, ouvindo sozinho a cantoria dos pássaros.

O meu esporte favorito concorria para estes isolamentos de melancólico. Eu andava pegando pássaros no alcapão. E, escondido, passava horas inteiras na expectativa do sucesso¹⁸.

Gilberto Freyre registrou a matança de passarinhos pelos meninos de engenho, e esta era também uma das estripulias de Carlinhos na fazenda de seu avô:

Chamavam de arriças as rolas sertanejas que desciam, batidas pela seca, para o litoral. Vinham em bando como uma nuvem, muito alto no alto, a espreitar um poço de água para a sede de seus dias de travessias. E, quando avistavam, faziam a aterrisagem em magote, e escurecendo a areia branca do rio. Nós ficávamos de espreita, de cacete na mão, para o massacre. E a sede das pobres rolas era tal que elas nem davam pelos nossos intuitos.

¹⁶ José Lins do Rego dedica seu livro de estréia ao amigo, Gilberto Freire.

¹⁷ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1987, p. 58.

¹⁸ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1994, p. 44.

Matávamos a cacetada, como se elas não tivessem asas para voar. A seca comera-lhes o instinto natural de defesa¹⁹.

Entre as brincadeiras, havia aquelas inspiradas no cangaço. Ele próprio tornou-se um *cangaceiro*, depois de ver, na fazenda de seu avô, a Antônio Silvino, cangaceiro do Nordeste que durante vinte anos organizou tropas e enfrentou os conflitos de uma terra marcada pelo patriarcalismo, pelo poder do senhor de terras sobre a população:

O nome do cangaceiro era bastante para mudar o tom de uma conversa. Falava-se dele baixinho, em cochicho, como se o vento pudesse levar palavras. Para os meninos, a presença de Antônio Silvino era como se fosse a de um rei das nossas histórias, que nos marcasse uma visita. Um dos nossos brinquedos mais preferidos era até o de fingirmos de bando de cangaceiros, com espadas de pau e cacetes no ombro, e o mais forte dos nossos fazendo-se de Antônio Silvino²⁰.

O cangaceiro, um rei. Herói a ser imitado, comenta Kishimoto²¹.

O brincar na fazenda aparece como causa de conflitos entre crianças e adultos. Carlinhos detestava a velha Sinhazinha, um tanto rabugenta, de quem levou uma surra:

Numa ocasião, jogando pião na calçada, o brinquedo foi cair em cima do seu pé. A velha levantou-se com uma fúria para cima de mim, e com o seu chinelo de couro encheu-me o corpo de palmadas terríveis. Bateu-me como se desse num cachorro, trincando os dentes de raiva. E se não fosse a Tia Maria que me acudisse, ela teria me despedaçado²².

Mas, o contrário também sucedia. Brincadeiras no engenho podiam reunir crianças e adultos, não em conflitos, mas em divertimentos mútuos, ainda que terminassem em acidente: “A velha Galdina era outra coisa. Africana também, de Angola, andava de muletas, pois quebrara uma perna fazendo cabra-cega para brincar com os meninos.”²³

Se em tempos de escravidão Gilberto Freyre registrou brincadeiras entre crianças que reproduziam e antecipavam situações de dominação (na síntese de Câmara Cascudo), José Lins do Rego, narrando outro tempo, mas também de fortes hierarquias sociais, dá a ver uma outra experiência, qual seja, de inversão desta dominação, possibilitada no brincar. Em situações livres, fora do controle das sinhás e das negras, as crianças brincavam sob outro critério — era a habilidade que determinava o poder. E então...

¹⁹ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1969, p. 17, citado por KISHIMOTO, 1993.

²⁰ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1969, p. 17, citado por KISHIMOTO, 1993.

²¹ Cf. KISHIMOTO, 1993.

²² José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1987, p. 67-68.

²³ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1994, p. 40.

O interessante era que nós, os da Casa-Grande, andávamos atrás dos moleques. Eles nos dirigiam, mandavam mesmo em todas as nossas brincadeiras, porque sabiam nadar como peixes, andavam a cavalo de todo jeito, matavam pássaros de bodoque, tomavam banho a todas as horas e não pediam ordem para sair para onde quisessem. Tudo eles sabiam fazer melhor do que a gente; soltar papagaio, brincar de pião, jogar castanha. Só não sabiam ler. Mas isto, para nós, também não parecia grande coisa. Queríamos viver soltos, com o pé no chão e a cabeça no tempo, senhores da liberdade que os moleques gozavam a todas as horas. E eles às vezes abusavam deste poderio, da fascinação que exerciam. Pediam-nos para furtar coisas da casa-grande para eles: laranjas, sapotis, pedaços de queijo. Trocavam conosco os seus bодоques e os seus piões pelos gêneros que roubávamos da despensa. E nos iniciavam nas conversas sobre sexo²⁴.

(A propósito desta inversão, uma ponderação, de passagem: seria um exagero afirmar um 'caráter subversivo' nas brincadeiras? De todo modo, parece fértil perceber seu potencial de desordenamento do real, e penso que isto pode inspirar estudos em história da educação e da educação física, atentos a encontrar pistas deste desordenamento. Mais ainda, penso que as formas de brincar têm potencial para desestabilizar dispositivos de normatização de escolas — a organização dos tempos e dos espaços, por exemplo —, o que faz pensar em ousadias e inventividades.)

Certa feita, Carlinhos vai com sua meiga Tia Maria passar o dia no Oiteiro. Na saída, crianças tomam a bênção da madrinha Tia Maria, que responde: “— Deus te abençoe.” E então José Lins escreve, belamente: “E eram mesmo abençoados por Deus, porque não morriam de fome e tinham o sol, a lua, o rio, a chuva e as estrelas para brinquedos que não se quebravam.”²⁵ Natureza como brinquedo, em meio à fome — também de brinquedos.

Menino solitário, Carlinhos diz de seus sonhos, nos quais brinquedos compareciam junto com pensamentos não tão lúdicos...

Fiquei um menino medroso. De dia, porém, esperando os meus canários, amava a solidão. Era ela que deixava falar o que eu guardava por dentro — as minhas preocupações, os meus medos, os meus sonhos. O mundo de um menino solitário é todo de seus desejos. Tudo o que eu queria ter nestes meus retiros: o tesouro da história de Trancoso, o cavalinho de sela, aquela vara mágica das fadas, que virava em tudo que a gente quisesse. Eu desejava também que a velha Sinhazinha morresse. Então começava a ver a minha inimiga trucidada, com os cavalos desembestados puxando-lhe o corpo pelos espinhos²⁶.

E as brincadeiras com pássaros e animais, que também as havia. A caça aos canários:

²⁴ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, Rego, 1994, p. 38. Tizuko Kishimoto faz considerações a respeito desta inversão do domínio, em *Menino de Engenho*, que foram aqui aproveitadas.

²⁵ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1994, p. 44.

²⁶ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1987, p. 97.

Sentia um prazer sem limites quando caía um canário no alçapão. Não ia para o almoço, entretido com a gaiola da chama. Procuravam-me por toda parte. Minha tia Maria ameaçava soltar tudo quanto era passarinho.

— Nem come mais, só pensando em canários...

Absorvia-me inteiramente com o esporte cruel. Deixava os moleques e os primos para um canto. Mas os meus canários não cantavam. Via-os soltos, com trinados de estalos, dando os seus concertos nos galhos das árvores. Nas gaiolas, irremediavelmente mudos. Faziam greve contra mim. Tratava deles com cuidados maternos. Limpava-lhes as gaiolas, pisava-lhes o milho — e nada, calados de vez. Dependurava-os então pelos pés de pau, para ver se os enganava com esse contato com os palcos dos seus dias de festa. E mudos sempre. Os meus pássaros só trabalhavam ao bom preço da liberdade²⁷.

E a montaria em um carneiro:

Até que afinal conseguira o meu carneiro para montar. Vivia a pedi-lo ao tio Juca, ao primo Baltazar do Beleza, a todos os parentes que tinham rebanho. Um dia chegou um carneiro para mim. Já vinha manso e era mocho. Carneiro nascido para montaria. Chamava-se Jasmin. Via chegar ao engenho os meninos do Zé Medeiros, do Pilar, cada um no seu carneiro arreado, esquipando pela estrada. E uma grande inveja enchia o meu coração.

Comecei então a alimentar o sonho de ser dono também de um cavalinho daquele. E um sonho de menino é maior que de gente grande, porque fica mais próximo da realidade. O meu tomara conta de todas as minhas faculdades. E de tanto pedir, eu entrara na posse do objeto sonhado. Já tinha o meu carneiro Jasmim. Faltaram-me a sela e os arreios. Sonhei também noites inteiras com o meu corcel todo metido nos seus arreios de luxo. Queria-os, e, por fim, mandaram fazê-los em Itabaiana.

Os canários do Santa Rosa iriam cantar sem a sedução da minha armadilha escancarada. Era todo agora para o meu carneiro chamado Jasmin. Conduzia-o de manhã para o pasto, levava água fria para ele beber, dava-lhe banho com sabonete, penteava-lhe a lã. E à tardinha saía para os meus passeios. Esses passeios, sozinho, pela estrada, montado no meu Jasmim penteado, arrastava-me aos pensamentos de melancólico²⁸.

Naquela ‘natureza’, com suas plantações de cana cortadas por rios, açudes e represas, um convite para muitas brincadeiras com as águas. José Lins do Rêgo relata entre suas brincadeiras de infância a galinha gorda, jogo que consiste em atirar uma pedra dentro da água e ir buscá-la, acompanhado dos seguintes versos:

*Galinha gorda,
Gorda é ela;
Vamos comê-la,
Vamos a ela.*

²⁷ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1994, p. 50.

²⁸ José Lins do Rego, *Menino de Engenho*, 1994, p. 50.

Tristeza e solidão se entrelaçam com a alegria diante de uma 'natureza' que se oferecia para os divertimentos tantos de Carlinhos — “menino perdido, menino de engenho”.²⁹ Uma experiência de infância em que os brinquedos e as brincadeiras eram maneiras de iniciação a um mundo marcado por hierarquias, mas que também podiam ser momentos de desordenamento de um real. Pensar essas práticas com a ajuda da literatura contribui para expandir compreensões de infâncias, em suas existências diversas, irredutíveis a simplificações empobrecedoras.

3. Nos Gerais das Minas: “Suplício da ignorância”, “fruição da felicidade”

Carmen Lúcia Oliveira escreveu um livro tocante: *Trilhos e Quintais*³⁰. A ação se passa em uma cidade imaginária, no oeste de Minas, de nome Cupim. É, nas palavras de apresentação do livro (sem autoria), uma “esmerada tapeçaria da vida no interior de Minas Gerais”, na época do craque na bolsa de Nova York (1929) e das revoluções de 1930 e 1932: “Nos quintais, podemos acompanhar em minúcias a feitura de doces e sabão, os brinquedos e as cantigas de roda. Nos trilhos, vemos girar as rodas de um discurso político progressista que fala em direitos do trabalhador e reforma agrária”, e, ainda, “o preciosismo da recuperação de linguagem [...] e uma galeria de personagens apaixonantes, da qual se destacam o leonino e patriarcal Cassiano, a professora Eugênia — a frágil Pintaroxa, esposa do Doutor Olímpio —, o músico Dimas, a menina Áurea e Maria de Lacerda de Moura.”

A professora Eugênia, que havia se formado na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, onde estudou com Madame Helena Antipoff, depois de já ter vivido algum tempo na Europa, mudou-se para Cupim, em 1929, para acompanhar o marido, Doutor Olímpio de Barros Magalhães, homem cultíssimo, vinculado à Aliança Liberal, cujo propósito era fundar e dirigir o jornal dos liberais (apelidados como Gatos). Agora, Cupim teria uma “autêntica professora, que saberia o que fazer com o material escolar que o presidente de Minas, Antonio Carlos, havia mandado para a cidade e que permanecia empilhado na garagem do caminhão do Nilo Romeiro.”³¹ Na reunião dos Gatos de Cupim, Cassiano, pai de Áurea, era o mais eufórico com a vinda da Professora e de seu marido.

²⁹ É a síntese de José Lins do Rego, ao encerrar o livro (1994, p. 82)

³⁰ Publicado em 1998, pela Editora Rocco.

³¹ Cf. Carmen Lúcia Oliveira, 1998, p. 23.

E a escola foi, então, aberta. O governo estadual enviou farto material didático — carteiras, quadro-negro, estampas para interpretação, lousas individuais, até giz de cor: “Não lhe faltavam recursos. Tinha o entusiasmo dos vinte anos.” Mas algo não saía como imaginado: “diante de uma platéia de crianças descalças, de idades que variavam entre sete e doze anos, pretensamente homogêneos pelo analfabetismo e pela opção eleitoral dos pais, as teorias pedagógicas de Eugênia tropeçavam.”

As meninas, no que dependesse delas, “passariam os dias copiando caprichosamente rabiscos sem sentido. [...] A grande exceção era Áurea — era curiosa e não hesitava em arriscar respostas. Produzia histórias surpreendentes a partir das situações corriqueiras dos cromos.”

Já os meninos “faltavam abusivamente às aulas e admitiam, com simplicidade, que tinham ido pescar piabinha no corgo ou tinham ficado com dor de barriga de tanto comer goiaba verde. Não achavam que deviam a Eugênia maior obediência, visto que ela não tinha à mão vara, palmatória ou grãos de milho.”

Uma outra compreensão a respeito da vida que aquelas crianças levavam se impôs então àquela professora: “Eugênia tinha vindo para Cupim com o propósito de resgatá-los do suplício da ignorância, mas surpreendeu-os em plena fruição da felicidade, longe da sala de aula: nadando no rio, montando arapuça, empinando pipa”³².

Compreensão de uma infância criadora, em que o brincar era uma de suas produções, como escreve Carmen Lúcia:

Aquelas crianças eram inventivas, faziam seus próprios brinquedos: a cabaça era bóia, os arcos das pipas de vinho eram empurrados com arames de sucata, as pedrinhas do rio viravam jogo das três-marias. As meninas cantavam em roda, os meninos faziam guerra de mamona. De certa maneira seus folguedos atingiam muitos objetivos que supostamente era sua tarefa promover: desenvolver a percepção, a motricidade, a sociabilidade, a persistência, a imaginação e tudo mais³³.

A professora Eugênia não esmoreceu, porém:

cerrou os olhos, para receber melhor a aragem amena. Cuidado, a escola pode ter efeito deprimente sobre o organismo e o psiquismo da criança — alertava Maria Lacerda de Moura, autora que Eugênia admirava. Não! — abriu os olhos. Havia de captar a alegria daquela meninada, havia de granjear sua confiança. Primeiro precisava atraí-los para dentro da sala de aula. Começaria conversando com as mães, que sequer sabiam se os seus filhos estavam indo à escola ou não. Depois planejar as aulas dentro da

³² Cf. Carmen Lúcia Oliveira, 1998, p. 46.

³³ Cf. Carmen Lúcia Oliveira, 1998, p. 46.

mais perfeita integração entre a natureza e o conteúdo escolar. Ergueu-se, confiante.

Que fantasia esquisita, quando se ama a liberdade, de se divertir em organizar a liberdade, refletia, alhures, Maria Lacerda de Moura³⁴.

Há, aqui, uma possibilidade de explorar um contraste: a professora que, formada na Capital, tendo vivido na Europa, chega a um lugar pretendendo realizar os princípios de uma educação agora pautada na Psicologia (como evidencia a referência a Helena Antipoff), fruto da reforma do ensino realizada pelo governo de Minas, em 1927, para “resgatá-los do suplício da ignorância”. E encontra a meninada — tida por rude e atrasada — em sua vida, com seus ritmos, suas práticas... na “fruição da felicidade” e (ironia?) realizando, no meio da vida, muitos “objetivos” da educação que se queria propor a elas, da qual a professora Eugênia seria porta-voz. É então que uma reflexão se pode fazer, aqui: as crianças, e suas experiências, pareciam compreendidas sempre como despossuídas, desprovidas, sempre em falta, vivendo na incompletude, e a escola sendo proposta como a possibilidade para arrancá-las dessa sua condição, para conduzi-las, com base nas ciências disponíveis (como a psicologia e seus laboratórios) à razão, à vida moderna.

É interessante perceber como as experiências das crianças, que estavam tão distantes de preocupações desta natureza (pois que isso não lhes dizia respeito, eram coisa de professores, inspetores, reformadores...), ajudam a desestabilizar tais representações: elas recusam, rejeitam estas representações, e não se deixam apanhar por elas. E a autora do livro registra isso: “Aqueles crianças eram inventivas”... É possível ver, e ler, aí, a insubmissão estética das crianças, a relativizar o lugar e a força da educação escolar em suas experiências.

Tempos mais tarde, por causa da Revolução, as aulas da escola de Eugênia foram suspensas. A menina Áurea sentiu falta, ainda mais que suas primas e coleguinhas sequer queriam ouvir falar de brincar de escola: “É proibido, diziam.” De sua parte, para Áurea, “brincar de comadre tinha a sedução dos calabouços. Preferia soltar pipa, rodar pião, nadar no rio, brincadeiras inexplicavelmente só permitidas aos meninos.”³⁵ E sua mãe, então, dizia a ela: “—Vá brincar com a boneca francesa.” Bem que tentou: “Áurea tirava a boneca da caixa, examinava os cabelos encacheados, a boquinha vermelha, o chapéu, os sapatos, fazia-a abrir e fechar os olhos. Que sem-graceza, meu Deus³⁶.

³⁴ *Idem*, p. 47.

³⁵ *Idem*, p. 102.

³⁶ *Idem*, p. 102.

3. O que podem nos inspirar essas crianças?

Penso que as experiências de infância narradas por José Lins do Rego e Carmem Lucia Oliveira ajudam a pensar histórias de educação, alargando nossa compreensão sobre as tantas infâncias e seus sentimentos diversos, para abandonar pobres idealizações a seu respeito.

Os registros de brincadeiras, em suas formas mais primitivas, encontrados nas obras tratadas dão a ver a inventividade daquelas crianças, seja interagindo com a natureza, apropriando-se dela, produzindo-a para si, seja fazendo de objetos diversos dispostos no universo ao seu redor os brinquedos e as brincadeiras de sua imaginação criadora, em uma ação transformadora que atribui sentidos outros ao que parece corriqueiro e banal: constroem, desconstroem, reconstroem, fazendo a história de sua infância com os restos, com o lixo, como escreveu Walter Benjamin.

De outro modo: a brincadeira inventada por Carlinhos, Áurea (por Miguilim...), e outros meninos e meninas, nos engenhos, no sertão e nas cidades, dizem de uma infância criadora, transgressora, desviante, desordenadora, desestabilizadora.

Registros literários de experiências singulares de ser criança — seu relembramento aqui é uma maneira de se pôr contra a homogeneização e o esquecimento da infância como ser de cultura. Contra, enfim, a um assustador “declínio da experiência”, de que já alertava Benjamin, que atinge também a infância, e muito fortemente, destituída de condições de apropriar-se do mundo, reduzida a uma passividade que a imbeciliza, seja nas escolas, seja em espaços que deveriam promover sociabilidades (a rua, os parques, por exemplo).

Mas os tantos Miguilins, Carlinhos e Áureas resistem por aí...

Finalizo com a poesia de Manoel de Barros: ele desejou “fazer brinquedos com as palavras. Fazer coisas desúteis. O nada mesmo”³⁷. Talvez essas crianças também estiveram fazendo “coisas desúteis”, na sua brincadeira.

Pois não reside aí um ensinamento a quem quiser ver?

Inspiração para a escola?

Para a Educação Física?

³⁷ Manoel de Barros, 2000.

Referências

- AMADO, João. **Universo dos Brinquedos Populares**. Coimbra: Quarteto Editora, 2002.
- AMADO, João. Pequenos guerreiros e caçadores: folclore bélico e cinagético das crianças pobres, na obra de Aquilino Ribeiro. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações [Portugal e Brasil]**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BARROS, Manoel de. **Livro sobre o nada**. 8.ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a Infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- GOUVEIA, Cristina. A literatura como fonte para a história da infância: possibilidades e limites. In: Fernandes, Rogério; Lopes, Alberto; Faria Filho, Luciano (Org.). **Para uma compreensão histórica da criança**. Porto: Campo das Letras, 2006.
- KISHIMOTO, Tizuko. **Jogos Tradicionais Infantis**. São Paulo: Autores Associados, 1995.
- OLIVEIRA, Carmen Lucia. **Trilhos e Quintais**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- PRIORE, Mary del (org.). **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.
- REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 61.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim (Corpo de Baile)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 9ª ed., 1984.

*Recebido em 10-06-2013
Aprovado em 07-07-2013*